

Germinal



N.º 6 — ANO I
21 de Fevereiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.
(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca 51, 3.º — LISBOA

A guerra e o alcool

Diz-se que «ha males que vêm por bem» e isso se pode dizer da guerra actual, na parte que diz respeito á campanha contra o alcoolismo em França.

O parlamento francez acaba de prohibir a fabricação, venda e circulação do absintido, com aplauso geral cortado apenas pelos lamentos dos industriaes e comerciantes, que tem ganho com a paixão dos consumidores pela terrível bebida.

Foi preciso a advertencia da guerra para que os poderes publicos vissem os efeitos desastrosos do absintismo e decretassem as medidas legais que antes nunca tinham ousado promulgar. Até agora, interesses varios e entre elles, os da politica eleitoral — em virtude da qual cada um procurava não molestar o eleitor alcoolista — tinham-se oposto á que a campanha anti-alcoolica enveredasse por um caminho decisivo. O impulso agora está dado; mas de pouco ou nada servirá a decisão parlamentar, se a acção dos trabalhadores conscientes não aproveitar o pé em que a questão está posta, e que muito facilita a propaganda, para de vez dar batalha ao terrível inimigo.

Quem conhece a vida franceza, sabe o que de desastroso, sob todos os pontos de vista, representava o consumo de alcool que se fazia em França. O perigo duma degenerescencia colectiva, era claro até para os menos atentos a esta ordem de questões.

Não exageramos afirmando que bem mais terrível para a França tem sido o consumo de alcool do que a invasão alemã. Se á guerra não se pudesse attribuir outro mal, além da perda de vidas que ela ocasiona, poder-se-ia dizer, sem receio de errar, que ela fôra um bem, provocando uma campanha eficaz contra

o alcoolismo, pois se por um lado inutilisava centenas de homens, por outro lado salvava milhares delles. Que os propagandistas contra o alcool não desanimem na campanha que, com tão bons resultados começou em França; que os trabalhadores de todos os paizes os imitem e ter-se-á, em grande parte, reparado o mal causado pela guerra.

A questão do pão

Acusa um sujeito em um jornal de Beja:

«É o moageiro e o grande negociante de trigos quem tem vantagens de sonegar este cereal, com o fim de o poder vender por alto preço, depois de feita a tabela de venda dos trigos importados, que, segundo todas as probabilidades, será bem mais elevada do que a actual.»

Acusa outro em um jornal de Lisboa:

«Temos ai grandes stocks de quasi tudo... nas mãos dos açambarcadores.

Imagine que, segundo se diz, um negociante tem açambarcados cento e cincoenta mil hectolitros de trigo.»

Diz o actual ministro do fomento.

«O pão vai ficar por preços elevadissimos. O Estado que sacrifique as quantias precisas para cobrir a diferença de preço entre o pão de agora e o que ha de fabricar-se com o trigo que vem a caminho de Lisboa.»

Deputados, para quê?

No entender do sr. Jacinto Nunes, presidente do directorio do partido unionista, Lisboa não precisa de deputados, porque não lhe faltam meios de pesar na vida publica. Isto importa uma coisa: e é que se todo o país adquirir semelhantes meios, os deputados não serão precisos para nada. Não é assim, sr. Jacinto Nunes?

Os anarquistas e a guerra europêa

Toda a questão gira em torno da *significação e alcance social* que cada um atribue a esta guerra. Este ponto de partida é que importa; o mais que se segue, nas palavras e attitude de cada um, é apenas um corollario mais ou menos exagerado ou prudente, segundo os individuos e as circunstancias, mas em que quasi tudo afinal é secundario, episodico, pouco ou nada influindo na questão principal. Isto é que, me parece, não se deve perder de vista se queremos tratar o problema com algum proveito. No entusiasmo da prégação ou da discussão, diz-se muita coisa exagerada; mas isso acontece de ambos os lados e não pode ser, evidentemente, tomado em linha de conta para uma boa apreciação a fazer. Esta é impossivel desde que assim se não proceda, porque as opiniões, dum a outro extremo, formam uma cadeia de acordos e desacordos parciaes, de nuances, onde se não pode achar a linha divisoria das duas grandes correntes que se formaram. Tanto mais que o exagero da attitude pôde, *de ambos os lados*, levar a desvios tais, que sejam comprometedores — para o desviado — das doutrinas que elle préga. Mas note-se que isso tanto pode succeder com uns como com outros; e porque assim é e porque se trata, em regra, de factos ocasionaes, tem a analise da questão que incidir sobre o ponto de partida da diferenciação.

A base do desacordo creio ser como disse, a *significação e o alcance social* que se attribuem á guerra.

Para uns e outros, esta *significação* á dada pela opinião que se tem sobre estes dois pontos: importancia dos regimens politicos e importancia do factor economico-capitalista em face de outros factores da guerra.

Dum lado estão aqueles para quem a vida politica dos povos é um aspecto importante sob que se deve encarar o resultado da luta e os que attribuem importancia grande a outros factores do conflicto, além do economico.

Do lado oposto está, naturalmente, os que attribuem áquella vida politica e a outros factores, uma importancia minima senão nula. Disto resulta logicamente, que os primeiros tendem para a participação na guerra e os segundos para a abstenção.

Não merece a pena (diz-se) tomar partido pela França, porque a soma de liberdades ou de progresso social que ela representa, é insignificante em relação ao sacrificio a fazer. E em apoio desta maneira de vêr, tem-se desenrolado toda uma serie de factos em que se vê o pouco liberalismo, a pouca ou a falsa democracia, o imperialismo por parte da França: conquistas coloniaes, barbaridades cometidas, a exploração dos trabalhadores pelos capitalistas tão grande como em qualquer outro paiz, censura á imprensa, nacionalismo militarista, clericalismo, centralismo politico, etc., etc. Depois da exposição e da leitura de todas estas coisas, conclue-se que «tão bons são uns como os outros» e que não vale a pena tomar partido por qualquer deles.

Não ha duvida que é verdadeiro o que se diz em desabono da vida social e politica da França, assim como dos outros paizes. Os *factos* são verdadeiros e todavia... raro são — se os ha realmente — os que sentem pela derrota de qualquer dos combatentes a indiferença completa que seria a logica conclusão das suas palavras.

Se tanto nos faz um regimen politico como outro; se, como diz P. Esteve a Kropotkine, a

solução do problema politico não facilita a do problema social, como se compreende que os que assim pensam, contribuem para insurreições destinadas a mudar de regimens politicos, falem em Republica alemã e russa como uma coisa a desejar, considerem um desastre a volta, em cada paiz, de regimens passados e tudo isso de tal forma sentido ou pensado, que até se arrisca a liberdade e a vida, para conquistar ou não perder essas coisas, pelas quaes se diz agora não valer a pena tomar partido?

Ainda ha poucos mezes, Malatesta e outros anarquistas, ariscaram a liberdade e a vida num movimento insurrecional, cujo maior triumpho possivel então — Malatesta certamente não tinha illusões a esse respeito — seria o estabelecimento da Republica... burgueza.

Que me importa colaborar com o Estado, se isso me fôr necessario para conseguir um fim que tenha em vista? Esta colaboração representa uma fórma de aumentar a força de que se precisa para um fim comum; uma vez esse fim atingido ou tendo desaparecido a necessidade de o atingir, cessa *ipso facto* a colaboração.

Este fenomeno dá-se frequentemente em todos os paizes e sobretudo nos movimentos insurreccionaes, de protesto ou simples reclamação a proposito de qualquer medida governamental.

Se, como diz ainda Esteve, «não se compreende que haja alguma differença em que o trabalhador seja explorado por um nacional ou por um estrangeiro», com o que eu concordo, tambem se não compreende que nestes movimentos — chamemo-lhes nacionaes — se colabore com exploradores, quando aparece um fim comum atingir, o qual muitas vezes se limita a abolir ou a modificar uma lei ou um regulamento, em regra substituidos por outros ás vezes peores. Mas, dir-se-á, é que o fim do governo francès, não pode ser o mesmo que o dos revolucionarios». Trata-se do fim immediato — no caso da guerra, a expulsão dos invasores e até certo ponto a destruição do cesarismo alemão. — Depois, é claro que os fins divergem e até se opõem; mas tambem então a colaboração cessa, para dar lugar ao anterior estado de coisas, senão a uma recrudescencia de luta entre uns e outros.

Ora é isto mesmo que se dá com os movimentos nacionaes. Atingido o fim, cessa a colaboração e recomeçam as hostilidades. Todavia não se costuma considerar abdicção ou perigosa attitude para as ideias, a colaboração de anarquistas em todos esses movimentos a que me refiro, dos quaes, em todos os paizes ha numerosos exemplos. O que pode haver, o que

tem havido, é que colaboradores vão longe de mais na colaboração e por lá ficam. Mas isso é com os *individuos* e nada tem com a utilidade ou inutilidade da colaboração em si mesma. De resto, todos estes movimentos, nacionaes ou internacionaes, são excelentes occasiões para se conhecer o valor das convicções ou o grau de consciencia das ideias que se possuem; e em suma, se se perdem camaradas, outros se ganham, natural consequencia do fluxo e refluxo da agitação produzida.

Em conclusão: se os adversarios de *dentro* são eguaes aos de *fóra* e se não devemos colaborar com aqueles contra estes, tambem não devemos, dentro de cada paiz, colaborar com quaesquer deles, visto que são eguaes uns aos outros. Se podemos colaborar com os de dentro contra outros de dentro, tambem podemos colaborar com os de dentro contra outros de fóra.

Emilio Costa.

(Continua)

NOTAS LIGEIRAS

Afinal os «anti-guerristas» não são contra a guerra, como parecia. Pelo menos assim o fazem supor novas de Italia. Mais do que nenhuns outros, éles a aplaudem, dizendo-se prontos a fazê-la se ela fôr de libertação e emancipação social, se fôr a Revolução, que essa, sim, é em proveito dos trabalhadores. Entrando a encarar as coisas sob esta feição utilitária, ainda podem chegar a persuadir-se, por exemplo, de que aos trabalhadores nenhum proveito resulta de os alemães, na Belgica, levarem tudo a ferro e fogo; e então os veremos demandar o campo dos belgas com o seu melhor ar mavortico, senão para o integral livramento, se quer ao menos para não verem estabelecer-se sob os seus olhos indifferentes, a mais dolorosa oppressão.

Um jornal operario, em grandes letras, chama ao socialismo — tomada esta palavra no seu sentido corrente — a unica fórma social futura. E' verdade. A unica. Se for preciso, o redactor desse jornal dá a sua palavra de honra.

Afirma-se que ha uma indifferença dos legisladores pela opinião do publico, e uma indifferença do publico pela obra dos legisladores. Uma paga a outra. E justifica-a, se por publico se entende a classe oposta á classe dominante. Que estou em dizer que naquella não ha indifferença, o que ha é incerteza: ainda não está segura da necessidade dos fabricantes de leis, nem do meio porque os ha de competir ao aperfeçoamento dos seus productos, sem ver resultar-lhe inutil o esforço.

Qualquer.

A Justiça...

Ha tempos disseram os jornaes que os ministros que faziam parte do gabinete Bernardino Machado iam ser processados por abuso do poder e dilapidação dos dinheiros publicos: compra de uma casa em Sines e a ordem para se construirem dois chavécos no Arsenal. A participação foi feita para juizo e nunca mais de tal se ouviu falar... nem se ouvirá porque eles não se comem uns aos outros. Se fosse o João Ninguem que para dar aos filhos roubasse um pão...

A minha carteira

O pão

E' coisa impossivel de comer o pão de mistura?

Hoje o uso do pão branco, bem preparado e de bom quilate, tende a tornar-se entre os povos civilisados frequente e habitual, não só nas classes operarias das cidades, como entre as populações laboriosas das aldeias.

No seu livro — *O Pão*, publicado em 1897, o sr. Eduardo de Sousa, salientando a superioridade alimenticia do trigo pelas suas percentagens mais elevadas de substancias nutritivas, conclue que de todos os cereais panificaveis, é aquele o que deve ser preferido na alimentação e cuja cultura deve ser, sobre todas, favorecida e cuidada.

Isto importa dizer que, como toda a gente sabe, não é só do trigo que se faz pão. Se é certo — escreve aquele autor — que o pão de trigo é o mais nutriente e de todos o melhor, e que pelo seu consumo se pode e deve avaliar o grau da prosperidade de um povo, não é menos verdade que dos outros cereais, especialmente do milho e do centeio, se pode fazer pão ainda de bom quilate alimentar.

Consumido entre nós especialmente nas provincias do norte, sobretudo na Beira Alta e no Minho, o pão de milho constitue ali — e parece que tambem na Madeira e nos Açores — a base da alimentação do povo. O gluten de farinha de milho é desmanchadiço e pouco consistente, devido á sua pequena proporção de gliadina. Assim a massa não se liga nem leveda, como succede com o trigo, não tufando consequentemente á cosadura, antes gretando e rachando á superficie. Hendoux é de opinião que, mesmo misturada com a farinha de trigo, a farinha de milho produz um pão falho de cohesão, a forma de espessar fogos ou *polenta* permite fazê-la admitir na alimentação diaria; mas isto não deve ser inteiramente exato, porque já o nosso Ferreira Lapa observou: — «quando a farinha é bem aguada, amassada com agua quente e pouco fermento, bem trabalhado e cosido a forno brando, o pão de milho fica macio, fresco e saboroso». O milho contém uma notavel proporção de substancias gordas, que, sob este ponto de vista, o tornam o primeiro dos cereais.

Em algumas partes do nosso pais usa-se misturar-lhe uma porção de farinha fina de trigo, o que produz um pão muito agradável e saboroso. E' a *triga-milha*. Misturado com o centeio de boa qualidade, o pão resultante tambem não é desgostoso. O milho brauco pesa menos e rende menos que o milho amarelo, mas o seu pão não é tão saboroso como o deste. Nos Estados Unidos, onde a cultura do milho é muito generalisada, o pão feito com a farinha deste cereal é muito saboroso, e, graças ao processo empregado, não succede como no nosso pais em que esse pão arranha a garganta no proprio dia do seu preparo e se torna seco e duro logo no dia seguinte.

O pão de centeio, pela pobreza do seu gluten, está quasi nas mesmas condições que o pão de milho: não é fofo, medrado e enxuto e não atinge a alvura do pão de trigo porque, como diz Ferreira Lapa, «parte da casca fica reduzida pela moagem a pó tão fino que passa sempre com a flor da farinha em quantidade sufficiente para o fazer empardecer». Raro se faz o pão de centeio puro, a não ser nos países em que o centeio é o unico cereal cultivavel ou em que a civilização não introduziu ainda o trigo. Na Suissa, na Belgica, na Holanda e na Alemanha, e noutros países ainda, utiliza-se o pão exclusivo deste cereal apenas para alimentação dos animais, especialmente dos cavalos. Em Portugal é em Traz-os-Montes principalmente que o povo tem este pão como base de alimentação.

Preparado como deve ser, afirma Rozier, é bom, saboroso e muito nutritivo. Conserva-se fresco muito mais tempo que qualquer outro, pela muita humidade que a sua farinha contém. Possui tambem propriedades laxativas.

Ligado com o trigo, dá o centeio um excelente pão de familia, semelhante ao de alguns trigos rijos.

Um magico.

Uma explicação

A *Aurora* no seu n.º de 31 de Janeiro, inseriu estas palavras:

«Foi a leitura do primeiro n.º do *Germinal*, sem falar nos antecedentes... orais, que nos convenceu de que os camaradas traziam, entre outros, o intuito de combater — não a nós, pois as nossas pessoas não entram para o caso, mas as ideias que modestamente defendemos e que julgamos ameaçadas de confusio nismo».

E agora, no seu ultimo n.º, insere estoutas:

«Quisemos dizer, referindonos aos fins do *Germinal*, que os camaradas que o fundaram traziam, alem dos costumados intuitos de propaganda, o de combater as ideias que defendemos a proposito da conflagração.»

E' a rectificação ou aclaração que esperavamos.

Constatado isto, pelo mais que no mesmo n.º se contém, renunciamos a dizer-lhe seja o que for. Fique-se ela com as suas injurias, a sua erra camaradas, que ficamos com o pesar de ter perdido tempo a responder ás suas provocações e ataques.

Aos nossos assinantes

Enviámos á cobrança pelo correio os recibos das suas assinaturas; a importancia de cada recibo é de 20 centavos (200 réis) sendo 15 centavos (150 réis) da assinatura de um trimestre e 5 centavos (50 réis, de despesa de correio.